

MEMORIAL DE FORMAÇÃO COMO GÊNERO DE FRUIÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE

Laudicéia Leite Tatagiba (UERJ)

elautatagiba@yahoo.com.br

Jaqueline de Fátima dos Santos Morais (UERJ)

Jaquelinemorais@hotmail.com

1. A critério de introdução: algumas considerações sobre os gêneros do discurso

Segundo Marcuschi (2008) o estudo sobre os gêneros inicia-se há pelo menos vinte séculos, começando em Platão, sendo os estudos atuais uma nova visão acerca do mesmo tema. Tendo se originado na análise de escritos literários, esse estudo hoje se vincula mais aos textos que referem uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.

Citando Bhatia (1997, p. 629), o autor informa ainda que “[...] todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (BHATIA *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 150). Dessa forma consideramos, assim como o autor, que os gêneros do discurso refletem de que forma a sociedade funciona. Isto porque, na medida em que os interlocutores interagem e se identificam com o que ele considera *fato social*, ou seja, com aquilo que se toma como verdade, os mesmos apresentam formas semelhantes de discurso, com funcionalidades próximas.

Isso indica, portanto, que os gêneros textuais não são modelos estanques nem estruturas rígidas, mas formas sociais e cognitivas de ação social (MILLER, 1984 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 151), na medida em que podemos entender que não exista um único fato social.

2. O memorial como gênero acadêmico

O gênero *memorial de formação* tem sido largamente utilizado ao longo dos últimos anos em produções acadêmicas como dissertações e teses, como forma de o autor poder apresentar-se ao leitor, evidenciando os elementos de sua trajetória profissional e de formação que se conjugam com a pesquisa descrita em seu trabalho, justificando-o.

No entanto, podemos identificar que, em sua origem, o gênero *memorial* teve uma função diferente da que hoje apresenta nos trabalhos dissertativos de mestrands e doutorands, e que a denominação *de formação* não é a única resultante de seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Passeggi nos diz que o mais antigo memorial de que se possa acessar a cópia, data de 1935. Para a autora, os memoriais “[...] são dessas escritas de si de grande tradição no ensino superior, eles são inseparáveis da história da universidade brasileira.” (PASSEGGI, 2008, p. 31) Segundo ela, os memoriais eram usados nesse período como dispositivo de avaliação de candidatos ao ingresso no cargo de professor catedrático às universidades públicas. Os memoriais buscavam então a descrição minuciosa das informações essenciais na trajetória acadêmica do candidato como a experiência profissional, a produção científica, títulos e prêmios que justificasse o ‘notório saber’ do candidato ao mais alto cargo universitário.

Ainda segundo a autora, dentre as variadas denominações em que se desdobra o gênero *memorial*, pode-se destacar o *memorial acadêmico* e o *memorial de formação* como os mais utilizados na academia. Sobre isso diz que

em função do tipo de demanda institucional e das situações do processo de escrita, farei a distinção entre dois tipos de memorial: o *memorial acadêmico* para designar as narrativas de vida profissional, elaboradas por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente e outras funções no ensino superior; e o *memorial de formação* para nomear os memoriais escritos durante o processo de formação, inicial ou continuada, e concebidos como trabalho de conclusão de curso no ensino superior [...] (PASSEGGI, 2008, p. 32)

Opto aqui pelo *memorial de formação*, visto ser o gênero adotado por mim em minha dissertação de mestrado. Desse modo, podemos considerar algumas características do referido gênero, a fim de justificar não apenas a opção por seu uso como também por sua análise como texto de fruição no presente trabalho.

3. Memorial de Formação: quando os educadores falam de si

Como primeira consideração acerca dos memoriais de formação de que trataremos aqui, é necessária a identificação do contexto de produção onde os situaremos: a educação. Nesse sentido, também podemos situar os educadores como os enunciadores de seus próprios percursos de formação, na medida em que se inserem nessa escrita como autores de uma escrita de si, e não como narradores interpretados por outros. Guilherme do Val Toledo Prado acrescenta ainda que

Um memorial de formação é acima de tudo uma forma de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós. Esse gênero textual – o memorial de formação – é um gênero que vem sendo gestado, muito em virtude do lugar, assumido cada vez mais pelos educadores, de protagonistas em relação a sua própria atuação e ao seu processo de formação. Dessa perspectiva, a valorização do registro escrito das experiências e reflexões é apenas uma das bem-vindas consequências, tanto como um exercício necessário de produção de textos quanto para difundir esses textos entre outros educadores. (PRADO, 2008, p. 7)

Situamos, então, como leitores dessas narrativas os educadores, entendendo aqui os memoriais de formação como narrativas de educadores para educadores, na medida em que possam se tornar, para além de uma história do outro, na história de si mesmo. Histórias em que um educador-leitor possa se identificar com o educador-narrador, movendo-se os dois em um único processo comunicativo, em um único *fato social*.

4. O memorial de formação e o educador-leitor: a experiência estética da leitura

Considerando experiência como aquilo que nos move, nos ‘atravessa’ (LARROSA, 2002) e como o que é ‘comunicável’ (BENJAMIM, 1994), apresentaremos algumas considerações acerca do gênero memorial de formação, tomando como pressupostos relevantes os da Estética da Recepção. Para essa teoria, o centro do estudo está nas relações externas e internas que se estabelecem entre o texto e o leitor. De acordo com Hans Robert Jauss, é importante considerar as condições históricas, assim como as evidências (comprovadas) que moldam e influenciam na atitude do receptor do texto em relação ao contexto social. Nesse sentido, dentro da teoria da recepção, Jauss tende para uma linha de estudo que privilegia a reconstrução histórica como cenário para recepção do leitor. Ele nos mostra ainda, como pressupostos do prazer estético, três catego-

rias da fruição estética: *Poeisis*, que pode ser considerada como o prazer que o indivíduo desfruta perante a obra; *Aisthesis*, que seria o prazer estético da percepção ante o ilimitado e *Katharsis*, que seria o prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia capaz de fazer o observador mudar suas convicções ao liberar sua psique.

Por outro lado, Wolfgang Iser procura aprofundar as relações interacionais entre texto e leitor, teorizando a recepção (resposta) do leitor a partir dos pontos de indeterminação presente nos textos e acionados pelo ato da leitura. Para Iser, em todo texto há espaços vazios que serão preenchidos pela atividade interpretativa do leitor, em um movimento de interação. No caso do gênero em questão nesse trabalho, podemos propor a compreensão de que os *vazios* na narrativa memorialística são preenchidos pelo leitor com o resgate que este faz de suas próprias memórias, no momento de leitura, transformando este momento em mais do que o simples recebimento de informações acerca da vida de outro, mas se constituindo em uma *experiência*. Também consideramos que não se pode determinar que todos os leitores apresentarão um mesmo comportamento diante do mesmo texto, mas há como se definir um mesmo ponto comum para todos, enquanto seres humanos, que é o da existência humana. Considerando a questão histórica, podemos entender que os elementos micro-históricos elencados pelo narrador se inserem em uma macro-história da humanidade, da qual o leitor de algum modo participa e com a qual possa se identificar.

5. O memorial de formação como texto de fruição

Embora o gênero memorial de formação não se inclua no domínio discursivo literário, no sentido de não apresentar a característica ficcional, podemos propor uma compreensão desse gênero do discurso como de fruição estética, baseando nossa proposição nas considerações já feitas acerca da recepção e também das que seguem.

Barthes (2008) nos apresenta duas possibilidades de distinção. Uma, leitura de prazer (*lecture du plaisir*), e outra, leitura de fruição (*lecture de la jouissance*). A primeira, ligando-se a uma prática confortável de leitura; a segunda, a uma forma de desestabilização das convicções do leitor, na medida em que mobiliza essas convicções para a transformação e para o amadurecimento da compreensão da realidade.

Tomando-se a concepção de *Katharsis*, de Jauss, e a de fruição, de Barthes, entendemos que as duas se aproximam da possibilidade de pensar o memorial de formação como texto de fruição. Isso porque, na medida em que possam mobilizar no leitor suas próprias lembranças, situando-as em uma história geral, da qual todos fazemos parte, possam promover a desestabilização e talvez até a perda de convicções do leitor no entrelaçamento entre a micro-história do narrador e a sua própria micro-história.

6. Considerações finais

Não se propõe aqui uma possibilidade única e inquestionável de análise do gênero *Memorial de Formação* como gênero de fruição, nem mesmo que a análise da existência dessa possibilidade tenha se esgotado. No entanto, consideramos que os argumentos por ora considerados se constituam em uma base que possa ser utilizada para futuras reflexões.

Pretendemos deixar como contribuição, *a priori*, nosso entendimento de que a escrita de um memorial de formação como elemento constituinte de um texto dissertativo acadêmico deve considerar muito mais do que o sujeito-autor que o produz. Antes, deve considerar o leitor, aquele que vai significar não apenas com a intenção de avaliar, mas como aquele com quem vai interagir, a quem vai influenciar, de quem participará como objeto de formação humana. O leitor, nesse sentido, deve ser considerado como quem vai participar, como nos diz Barthes (2008), de um jogo subversivo, em que não há quem ganha ou quem perde. Jogo em que a fruição, ao contrário do prazer – que é precário –, é precoce, não depende de nenhum amadurecimento, não surge no devido tempo. Jogo imprevisível, mas que tenha como provável a ruptura do leitor com suas certezas, com seus dogmas, elevando-o ao *status* de também escritor de si, no rompimento com o velho e no nascimento do novo. E o novo é seu próprio discurso, que por sua vez se desfaz e se reinventa na medida em que se torne, mais uma vez, comunicável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA LIMA, C. O leitor demanda (d)a literatura. In: _____. (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LARROSA, J. B. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>>. Acesso em outubro de 2011.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal: EDU-FRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: _____. (Orgs.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Graf, PRADO, G.V.T, 2005.